

O ONIPRESENTE CANINDÉ SOARES

/ PERFIL / FOTÓGRAFO DE SÃO BENTO DO TRAIRI RECEBE TÍTULO DE 'CIDADÃO NATALENSE'



ALEXIS PEIXOTO
DO NOVO JORNAL

SÁBADO DE CÉU nublado e chuva fina discreta, 9h. O fotógrafo Canindé Soares já estava de pé desde às 6h e provavelmente não voltaria para a cama antes das duas da madrugada. A agenda do dia seria atribulada. Na primeira parte da manhã, aguardava ligações que iriam confirmar duas sessões de fotos para candidatos políticos. Mais tarde, por volta do meio dia, pegaria carona no mesmo voo de uma equipe de tevê que iria realizar filmagens áreas da cidade para fazer alguns cliques de Natal vista por cima. Descendo do avião, só haveria tempo de engolir um almoço rápido e pegar a estrada para cobrir uma caminhada da candidata Rosalba Ciarlini e aliados pelos municípios de Canguaretama, Pedro Velho, Montanhas, Nova Cruz e Santo Antônio do Salto da Onça.

Ao contrário do que possa parecer, a carga pesada de trabalho daquele dia em particular não estava muito distante do que é normalmente enfrentado pelo fotógrafo. Com trinta anos de profissão e uma média de mil acessos diários em seu blog, Canindé, aos 50 anos, é um dos fotógrafos mais requisitados e atuantes da cidade: seu campo de atividade vai das fotos encomendadas pelas assessorias de imprensa a jogos de futebol, flagranes cotidianos e eventos culturais. A capacidade do fotógrafo de se deslocar para diversos pontos da cidade para cobrir eventos de naturezas diferentes em um mesmo dia já lhe valeu a alcunha de 'onipresente' entre os colegas de profissão.

"Minha agenda é livre, fico à disposição, esperando o cliente ligar. E geralmente, eles ligam de última hora. Recebo o chamado e saio para a rua", diz Canindé, afastando qualquer suspeita de estafa pelo acúmulo de trabalho. "Me considero um cara realizado, porque trabalho da maneira que eu gosto, fazendo o que eu gosto. Faço de tudo, até enterro se me pedirem".

Uma parte desse "tudo" poderá ser conferida no livro *Vem Viver Natal*, produzido sob encomenda para a prefeitura, e que reúne 92 fotos da cidade feitas por Canindé. O livro vai ser lançado hoje às 11h no Hotel Pestana. "O livro é um sonho realizado", resume.

Outra prova de reconhecimento de seu trabalho é o título de Cidadão Natalense que o fotógrafo natural de São Bento do Trairi recebeu na mesma ocasião, ontem, na Câmara, data em que se comemorou o Dia Mundial da Fotografia. "Foi muito interessante, porque todos os vereadores votaram a favor. É muito importante para mim, um reconhecimento legal do meu trabalho", diz.

Agora a qualidade inegável do trabalho do fotógrafo, a rapidez com que consegue entregar o material e postá-lo na rede é uma das qualidades responsáveis pelo prestígio de Canindé na praça. Ciente disso, ele não esconde seu entusiasmo com a tecnologia, em especial com o twitter, que costuma acessar do celular onde quer que esteja. É o amor pelas geringonças do mundo moderno, aliás, que reside um ponto polêmico defendido por ele: o amor incondicional pelo equipamento digital, em desprezo às câmeras analógicas.

"O analógico era um negócio tão complicado, nem sei como a gente conseguia trabalhar. O digital é infinitamente mais prático, ainda mais com essas ferramentas da internet. Não troco por nada", diz.

Como exemplo de sua crença firme no digital e na tecnologia, Canindé cita o dia em que fotografou as centenas de moreias que apareceram mortas nas praias de Maracajaí e Jacumã, em março deste ano. No dia do ocorrido, o fotógrafo curtia uma folga em Maracajaí quando recebeu a ligação de uma fonte avisando da mortandade dos peixes. "Corri para lá, fiz as fotos e já joguei no blog. Na mesma hora, o assunto virou um dos mais comentados no twitter e em outros blogs. Sem falar que no outro dia, todos os jornais da cidade usaram minhas fotos, já que eu era o único que estava lá. Essa praticidade só o digital traz", conta.

SEM MODÉSTIA

O relógio bate dez da manhã. Nenhum dos dois clientes que haviam agendado sessões de fotos naquele dia telefonou para confirmar o trabalho. Canindé não se mostra contrariado, nem faz cerimônias: reúne seu equipamento e decide sair para a rua, dar uma volta pelo centro da cidade em busca de cenas interessantes. "Sempre que tenho um tempo faço isso. Saio andando e observando a cidade, sempre aparece alguma coisa que chama a atenção".

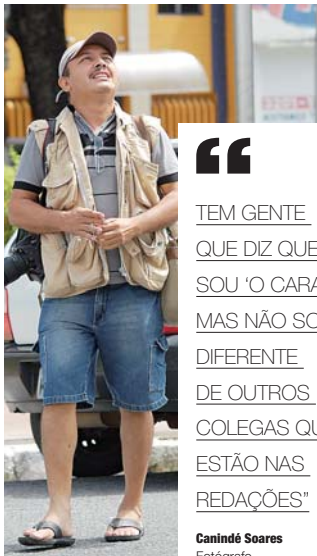
Saindo de sua casa na Rua Correia Teles, Cidade Alta, Canindé vai até a praça André de Albuquerque. Pausa para um lanche rápido na banquinha de pastéis da praça e o fotógrafo sai, em périplo pelas ruas do centro. Mal dá cem passos, uma característica dos prédios em torno da Praça Padre João Maria lhe chama atenção: o contraste entre a fachada histórica dos edifícios e os estabelecimentos comerciais que se instalaram nos andares de baixo.

Canindé prepara a câmera e sai andando e clicando os prédios, aparentemente despreocupado, mas sempre atento aos melhores ângulos que irão comunicar melhor a sua visão de fotógrafo. Entre um clique e outro, faz uma auto-análise de seu trabalho, sem falsa modéstia. "Tem gente que diz que eu sou 'o cara', mas não sou diferente de outros colegas que estão nas redações. Sou um trabalhador normal; a diferença é que eu me esforço para mostrar o meu trabalho", diz.

E, de fato, não são somente as fotografias de Canindé que são reconhecidas. A cada esquina que cruza nas ruas do centro, alguém o cumprimenta, acena, comenta uma foto que viu no blog. O repórter do NOVO JORNAL provoca, pergunta se o fotógrafo já pensou em se candidatar a vereador ou outro cargo público. "Não, tô fora! Política é a última coisa na minha lista de possibilidades", responde, bem humorado, para logo em seguida confessar um desejo antigo: cobrir, de cabo a rabo, uma campanha eleitoral.

"Já apareceram oportunidades. Mas sei que nunca vou fazer, porque vai tomar muito do meu tempo. Teria que ficar exclusivo, não poderia me dedicar às outras coisas que faço. Prefiro ir cobrindo na medida em que chamam como freelancer mesmo", diz.

O papo o faz lembrar que ainda tem um voo para pegar e uma caminhada política para percorrer naquele dia. "É assim que eu gosto de trabalhar", enfatiza.



“
TEM GENTE
QUE DIZ QUE EU
SOU 'O CARA',
MAS NÃO SOU
DIFERENTE
DE OUTROS
COLEGAS QUE
ESTÃO NAS
REDAÇÕES”

Canindé Soares
Fotógrafo



FOTOS: MAGNUS NASCIMENTO / UJ



O CAMINHO DAS PEDRAS

Canindé Soares deixou São Bento do Trairi e veio morar em Natal, ainda na infância. Nos primeiros anos na capital costumava andar a pé de sua casa na Avenida 6, no Alecrim, até o Baldo todos os dias para ir à escola. Aos dez anos, acompanhava o pai todos os dias à feira, carregando duas bacias cheias de carne de bode para vender.

Foi por volta dos 17 anos, quando passou a trabalhar entregando fotografias em um estúdio no centro da cidade, que a vida do então adolescente Canindé começou a mudar. O interesse pelas câmeras o tomou de assalto e em pouco tempo já ensaiava os primeiros cliques. "Mas eu não tinha noção de nada naquela época. Cruzei com a fotografia por acidente; só fui aprender mesmo depois, quando passei a trabalhar em jornal", diz.

Das fotografias de batizados, casamentos e outros eventos sociais, Canindé passou às redações do extinto Dois Pontos, da revista RN Econômico e, mais tarde da Tribuna do Norte, onde chegou a ser sub-editor de fotografia. Como free-lancer, teve fotos publicadas em veículos de circulação nacional como *Veja*, *IstoÉ*, *Folha de São Paulo*, *Jornal do Commercio*, entre outros.

"A fotografia entrou na minha vida por acaso. Mas precisei de dez anos percorrendo o caminho das pedras, aprendendo, para me assumir como profissional", diz.

LAVOURA ARCAICA

/ DIBA / PLANEJADO PARA SER O MAIOR PROGRAMA DE AGRICULTURA IRRIGADA DO ESTADO E ELEITO O TERCEIRO MELHOR PROJETO NORDESTINO DE IRRIGAÇÃO, BAIXO-AÇU ACABOU ABANDONADO

LOUISE AGUIAR
DO NOVO JORNAL

MELHOR PROJETO DE irrigação do Nordeste, o Baixo-Açu hoje é um retrato do abandono. Dos seis mil hectares contemplados pelo projeto do Governo Federal em parceria com o Estadual, menos de três mil estão ocupados produzindo frutas, feijão, sementes e grama. O restante, área pertencente ao Governo do Estado, nunca foi inaugurado nem recebeu investimentos privados. As terras férteis foram relegadas porque o executivo norte-rio-grandense nunca entregou as escrituras aos vencedores da licitação, ocorrida em 2002. A estrutura de água e energia elétrica que havia sido montada pelo poder público foi roubada e depredada ao longo dos anos. Enquanto empresários e Governo fazem um jogo de empurra para tentar explicar por que as terras nunca foram exploradas, a economia do Estado perde de gerar pelo menos três mil empregos diretos e produzir milhares de toneladas de frutas.

O Projeto de Irrigação do Baixo-Açu foi lançado pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (Dnocs) em 1986. Intitulado como o maior programa de agricultura irrigada do Rio Grande do Norte e um dos 12 mais viáveis do País, o projeto é composto de seis mil hectares, dos quais três mil correspondiam à primeira etapa do projeto. Essa área pertencia ao Dnocs, enquanto os outros três mil, correspondentes à segunda etapa do programa, eram do Governo do Estado. O chefe de serviços técnicos do Dnocs no RN, João Guilherme de Souza Neto, conta que em 1994 foi feita a licitação para ocupar a primeira parte do terreno.

"Desapropriamos as terras, fizemos a titulação e as empresas



FOTOS: MAGNUS NASCIMENTO / NJ

► Abandono contrasta com proposta de gerar riqueza através da irrigação

e os pequenos produtores se instalaram. Entregamos a operação e manutenção ao Distrito de Irrigação do Baixo-Açu (Diba). Toda a parte que competia ao Dnocs foi feita e hoje são produzidos banana, graviola, pinha, manga, coco, feijão, frisa. Ainda segundo Neto, o Baixo-Açu só se tornou viável com a construção da barragem Armandinho Ribeiro Gonçalves e, se estivesse em pleno funcionamento, poderia ainda fazer jus ao posto de um dos melhores projetos de irrigação do País.

Mas não foi isso o que aconteceu. Conforme relato de um membro da Associação do Distri-

to de Irrigação do Baixo-Açu (Adiba), que prefere não se identificar, mesmo depois de ter realizado a concorrência da segunda etapa e os 29 lotes terem sido licitados, o Governo do Estado nunca entregou os títulos de posse dos terrenos. Em 2002 os três mil hectares já tinham toda infraestrutura em energia elétrica, estação de bombeamento, canais de irrigação e estradas, mas jamais foram explorados. "O governo investiu R\$ 35 milhões nessa estrutura, mas não entregou as escrituras. Como as pessoas iam se instalar sem a comprovação de que a terra era delas?", questiona.



► Equipamentos de irrigação desativados

Segundo o associado, além de trazer segurança jurídica ao proprietário da terra, a escritura propicia que o produtor tenha acesso a financiamentos para bancar a produção. Mas as incontáveis reuniões e os inúmeros ofícios enviados ao Governo do Estado, alertando para a entrega das escrituras e abandono dos terrenos, não surtiram efeito. "Recebemos pelo menos duas ou três vezes por mês empresários querendo investir no Baixo-Açu, mas alertamos para a situação que enfrentamos hoje", acrescenta.

Uma das principais queixas da Diba diz respeito ao pagamento de energia elétrica. A conta alcança os R\$ 70 mil mensais, que deveriam ser rateados para produtores nos seis mil hectares, mas são divididos apenas para os 2,7 mil hectares ocupados atualmente. Em 2005 a dívida dos irrigantes com a Cosern chegou a R\$ 2 milhões, que, segundo o Governo do Estado, foi paga pelo poder público como uma forma de "ajudar" os produtores.

6 MIL HECTARES

É a área irrigável do projeto

GOVERNO VAI REALIZAR NOVA LICITAÇÃO

Em 2002 o Governo do Estado realizou a licitação para ocupação da segunda etapa do Baixo-Açu. Segundo o secretário estadual de Agricultura, Francisco das Chagas Azevedo, 29 lotes foram licitados na ocasião. O executivo estabeleceu que os vencedores teriam três anos de carência para começar a pagar e 180 dias para apresentar um plano de trabalho. Mas de acordo com Azevedo, ninguém cumpriu o acordo. Por este motivo, o Governo do Estado nunca entregou as escrituras.

"A maioria deles não fez o que determinava o contrato nem pagou pelas terras. Não podíamos entregar escritura se eles não pagaram. Claro que o Governo tem sua parcela de culpa, mas tudo começou pelo não cumprimento dos que solicitamos aos produtores", admite. No ano passado o executivo convocou todos os vencedores da licitação de 2002 para uma reunião. Apenas 13 produtores apareceram. Agora o Governo do Esta-

do quer tomar os lotes nunca explorados e realizar uma nova licitação. Cerca de 300 lotes que o RN e o Dnocs têm em comum serão repassados ao órgão federal, assim como os três mil hectares da segunda etapa do projeto, e uma nova concorrência será realizada.

O repasse dos terrenos em comum, no entanto, ainda terá que ser votado na Assembleia Legislativa. A expectativa do secretário é que em no máximo um mês esse processo esteja concluído. Uma equipe do Governo trabalha no georreferenciamento dos outros três mil hectares para também repassar ao Dnocs. Caberá à instituição decidir como irá conduzir o processo a partir daí. Francisco das Chagas admite que se não fossem esses entraves, o Baixo-Açu seria um "oásis".

Embora os irrigantes acusem o Governo do Estado de abandono, o titular da Sape conta que um escritório da Emater equipou



► Região tem água em abundância

mos e dois técnicos agrícolas foi colocado na região para assessorar os produtores. Além disso, assim que começaram os roubos, o poder executivo realizou uma licitação e colocou uma empresa de vigilância no local. Mas hoje Azevedo alega que não há motivos para a Emater permanecer no Baixo-Açu. "Não há mais demanda para a Emater lá", diz.

No que diz respeito à segurança, o secretário informou que recentemente o Governo realizou uma licitação para que uma em-

presa de segurança equipada com motocicletas faça a vigilância do local. O Novo Jornal percorreu parte dos três mil hectares inexplorados e constatou a depredação. Toda a cadeia de postes instalada pelo Governo do Estado teve a fiação roubada, além de vários transformadores. A estação de bombeamento também foi saqueada e até a lona do canal de irrigação foi levada pelos bandidos.



► Instalações abandonadas foram depredadas



► Parte do projeto em funcionamento mostra viabilidade

CONTINUA
NA PÁGINA 112 ►

FAZER 1 ANO DE TRABALHO VALER 1 DÉCADA. ISSO É



Em 1 ano de existência, o Novo Jornal
já mostrou que veio para ficar.

Um jornalismo moderno, abrangente
e de qualidade, que deixa a forte
impressão de que participa da nossa
vida diária há um longo tempo.

É por isso que a Ecocil, com a experiência
de 62 anos no mercado, parabeniza este
importante veículo de informações.

1 ano apenas de Novo Jornal.

Mas a gente já conhece e confia.



ECOCIL

Você conhece
e confia.

www.ecocil.com.br

DO OUTRO LADO DA CERCA



▶ João Tomás



▶ Benvenuto Gonçalves

Os quase três mil hectares ocupados no Projeto de Irrigação do Baixo-Açu são apenas uma amostra do potencial da região. Não há estimativas oficiais da produção da área, mas segundo a Adiba, saem entre 10 e 15 caminhões de produtos agrícolas por dia. São gerados três mil empregos diretos formais e há três vilas de casas onde moram quase 500 pessoas. A área de produção é formada por 10 empresas, 15 técnicos agrícolas e mais 184 lotes de pequenos produtores.

A Integral Agroindustrial é uma dessas empresas que resolveram investir pesado no Baixo-Açu. Produtora de feno e grama, está desde 2007 atuando na região.

Segundo o engenheiro agrônomo Luiz Barreto, são produzidos em torno de 15 mil fardos de feno por mês. A empresa tem 53 hectares disponíveis para este tipo de produção e mais 75 hectares para grama. Natural de Fortaleza, a Integral começou na área de avicultura e hoje produz feno, grama e ração para vários tipos de animais, além de adubo em Mossoró.

Em 16 hectares o agricultor João Tomás ergueu plantações de banana, goiaba e macaxeira. Produz mais de 20 toneladas de banana, 1,6 de goiaba orgânica e mais 20 toneladas de macaxeira por hectare/ano. Há seis anos trabalhando no Baixo-Açu, ele conta que investiu R\$ 70 mil na

produção. Seu maior comprador, no entanto, é o mercado cearense. "Além de Fortaleza só entrego nos supermercados aqui da região", diz se referindo às redondezas de Alto do Rodrigues e Afonso Bezerra.

A produção, no entanto, ainda está longe de ser a ideal. Seu João sonha colher 30 mil toneladas de banana por hectare/ano, feito que ainda não foi possível por conta das pragas que atingem a plantação. "Tinha que fazer uma pulverização aérea, mas é uma burocracia danada para conseguir", reclama.

O engenheiro agrônomo e produtor rural Benvenuto Gonçalves produz banana em 12 hectares. São cerca de 35 toneladas por hectare/ano. Quando chegou ao

Baixo-Açu, em 2002, investiu R\$ 40 mil para começar a produção. Hoje seus maiores clientes são os mercados de Natal e Currais Novos. Apesar de pensar em expandir o negócio, ele admite que as dificuldades são muitas.

A primeira é a concorrência com a banana da Paraíba e Ceará. Segundo Benvenuto, o produto chega ao Rio Grande do Norte a granel – quando deveria vir encaixado – e seu plantio não é por irrigação, o que baixa ainda mais o preço final. "É uma concorrência desleal", frisa. Além de banana, o Projeto de Irrigação do Baixo-Açu conta com produção de manga, graviola, goiaba, mamão, jerimum, coco, feno e grama.



TINHA QUE FAZER UMA PULVERIZAÇÃO AÉREA, MAS É UMA BUROCRACIA DANADA PARA CONSEGUIR"

João Tomás
Agricultor

PARABÉNS PRA GENTE.

Nova Saci e Novo Jornal:

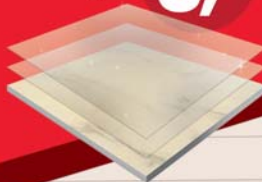
1 ano de sucesso, entrega em todo o estado e qualidade em tudo que oferece aos clientes.

Este último ano tem sido de muitas mudanças.

O Rio Grande do Norte ganhou um novo veículo de comunicação, comprometido com a qualidade da informação que leva aos leitores. Foi também nos últimos 12 meses que nasceu a Nova Saci, uma rede que vem melhorando dia após dia, seja nas lojas, no mix de produtos e na atenção ao cliente, e como o Novo Jornal, vai trabalhar cada vez mais para estar presente na vida de todos os potiguares.

Porcelanato polido dupla camada de glass.

10x
R\$ 3,29



REDE A CONSTRUTORA

www.novasaci.com.br ENTREGA PARA TODO ESTADO

